

Herói à Brasileira

ADAPTAÇÃO DAS TIRINHAS DE LAERTE, *OVERMAN* USA O HUMOR PARA SATIRIZAR AS CONTRADIÇÕES DA SOCIEDADE BRASILEIRA E OS DESAFIOS DE UM HERÓI NADA CONVENCIONAL

» ISABELA BERROGAIN

As tirinhas da cartunista Laerte ganham, mais uma vez, as telonas. Após o longa *A cidade dos piratas* (2018), *Overman*, de Tomás Portella, chega aos cinemas hoje e apresenta um verdadeiro herói à brasileira, interpretado por Caco Ciocler. Desempregado e endividado, o protagonista que dá nome ao filme é convidado pelo governador do Rio de Janeiro (Otávio Müller) a ocupar um cargo na Secretaria de Segurança Pública, mas vê a posição ameaçada pela chegada de Pâmela, a Mulher Cachorro (Karina Rami), uma heroína mais competente e popular.

A comédia é uma iniciativa de Iafa Britz, que foi apresentada às tirinhas pela advogada Andrea Francez. “Foi uma história de amor imediata. Que personagem espetacular! Lembro de me perguntar por que a gente ainda não tinha um herói nosso, brasileiro, com todas essas características. Alguém que precisa enfrentar grandes inimigos como a burocracia, a preguiça e a lei do menor esforço”, lembra a produtora. Na trama, *Overman* vive a contradição de ser um herói poderoso e, ao mesmo tempo, incapaz de resolver os próprios problemas.

A produtora brinca que foram “conversas infinitas” e “perseguições” para que a cartunista permitisse a adaptação. “Ainda mais levando em consideração que o *Overman* é um personagem de 1998 e o tanto que o mundo mudou de lá para cá”, aponta Iafa. Para Portella, apesar das atualizações, os conflitos trazidos nas tirinhas são “iguazinhos” aos de hoje em dia. “A gente brinca que ele é uma visão over de todo homem brasileiro, e a Laerte enxergou isso muito antes do pessoal que escreveu *The boys* ou *Deadpool* começar a pensar em trabalhar com audiovisual”, exalta.

O público feminino, por sua vez, deve se identificar com o personagem de Karina, aposta a atriz. “A gente pode ter uma ideia genial e, mesmo assim, um homem vai ser mais escutado do que a gente. Isso é uma coisa que acontece na maioria dos lugares. E ela traz isso com humor, porque ela não é menor do que o *Overman*. Ela é sagaz, inteligente e é uma super-heroína também. Mas, apesar disso, ela ainda não recebe o mesmo respeito que ele”, pontua.

Criação do personagem

Durante o processo de preparação, Caco Ciocler revela ter mergulhado de cabeça nas tirinhas, que define como “fascinantes”. “Eu lia e pensava: ‘Acho que eu não entendi alguma coisa’. Não é um humor que você decifra muito rápido, nem mesmo depois de algum tempo. Tem um mistério ali que eu não consigo definir, e foi isso que eu tentei trazer para o personagem. Eu não sei quem é esse cara de verdade. Ele é engraçado,

mas não é. É tosco, mas não é. E eu quis preservar isso”, detalha o ator.

O protagonista ainda relata que viveu “um conflito constante” até entender o limite entre entender as dores do personagem e manter o humor característico das tirinhas. “Eu gosto quando ele chora de verdade por trás da máscara. Você não vê nada, só um olho emocionado ali atrás e pensa: ‘Gente, quem é essa pessoa?’. Mas, se o filme fosse o tempo todo nesse lugar, não funcionaria. Então esse equilíbrio esteve presente o tempo todo”, garante Ciocler.

Às vésperas do segundo turno das eleições, o longa chega em um momento em que a sociedade discute questões pertinentes ao filme, pondera Portella. “Todas essas contradições do Brasil estão ali. A gente brinca com os dois lados, com forças diferentes, é claro, porque um tem um potencial mais destrutivo. Mas fazemos piada com tudo que envolve política. Tudo ali no filme é, de alguma forma, político”, conclui o diretor, que brinca com uma sequência em que *Overman* se candidata a deputado federal.



Em *Overman*, Caco Ciocler interpreta um herói desempregado e endividado

UM PESADELO NA AMBIÇÃO

» RICARDO DAEHN

Moldar personalidades para serem vividas na telona é a rotina e o ganha-pão do ator Matt Hagen, protagonista do novo filme do inglês James Watkins, *Cara-de-Barro*, que vem embalado como um filme de terror com origens patentes nas franquias da DC comandadas pelos produtores Peter Safran e James Gunn. Considerado um “camaleão” nas artes cênicas, Matt (personagem de Tom Rhys Harries), depois de passar por violência que o desfigura, “levará o inferno” consigo em arquitetada e instintiva vingança.

Um show visual com gosmas, empilhamento de mortes e asfixiante jornada de perda de identidade ronda o filme que trata de traições, obstrução de justiça e sedução. O reconhecimento nas ruas não virá apenas para o astro da Imperial Pictures que traz a ânsia de frequentar os tapetes vermelhos de celebrações



Cara-de-Barro: nova tentativa da DC de transformar seu universo

de personalidades; ele ainda se estenderá para a cientista Caitlyn Corr (personagem de Naomi Ackie), capaz de acalmar e reerguer a consciência do abalado Matt,

acusado de assédio (por uma colega de profissão) e abalado pela confusão nas células presentes no corpo dele. Enquanto Matt, como paciente de Caitlyn, insiste

com um “Minha vida acabou”, ela traz novas perspectivas.

Junto com a aliança da tecnologia, que redesenha o rosto do protagonista,

a médica alerta que “A melhor vingança é uma vida bem vivida”, desencorajando ataques ao chefe Szabo (David Dencik), sempre sob a proteção do capanga Patches (Jake Curran). Sem adentrar nos desdobramentos dos quadrinhos, que avançam para o reconhecido Asilo Arkham (sanatório que já abrigou tipos como Charada, Pinguim e Coringa), *Cara-de-Barro* investe em papéis importantes para Eddie Marsan (de *Simplesmente feliz*), que guarda um segredo, e ainda para Joana Ribeiro (intérprete portuguesa que dá vida à atriz Mía Torrez).

Medo de assumir sentimentos sufocados, confusão quanto ao comportamento de moléculas do próprio corpo e bizarras alterações durante o sono farão parte da rotina de Matt, que, entre poderes terá a vocação para realizar movimentos de massa, causando uma confusão geral de identidades entre os personagens do filme de aventura.